



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL UAB/MEC
Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância
Curso de Licenciatura em Geografia**

ANA PAULA DE OLIVEIRA AZEVEDO

**ESTUDO DA POTENCIALIDADE PAISAGÍSTICA DO SEMIÁRIDO
PARAIBANO COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO**

POMBAL

2021

ANA PAULA DE OLIVEIRA AZEVEDO

**ESTUDO DA POTENCIALIDADE PAISAGÍSTICA DO SEMIÁRIDO
PARAIBANO COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - Artigo Científico) apresentado junto à coordenação do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, através da Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Licenciado em Geografia.

Linha de Pesquisa: Relação sociedade-natureza com ênfase nos aspectos físicos

Orientador: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

POMBAL

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A994e Azevedo, Ana Paula de Oliveira.
Estudo da potencialidade paisagística do semiárido paraibano como possibilidade de desenvolvimento [manuscrito] / Ana Paula de Oliveira Azevedo. - 2021.
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto , Departamento de Geografia - CH."

1. Paisagem do semiárido. 2. Desenvolvimento no semiárido paraibano. 3. Semiárido paraibano. I. Título

21. ed. CDD 910.021 5

ANA PAULA DE OLIVEIRA AZEVEDO

**ESTUDO DA POTENCIALIDADE PAISAGÍSTICA DO SEMIÁRIDO
PARAIBANO COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC -Artigo Científico) apresentado junto à coordenação do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, através da Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 28/07/2021

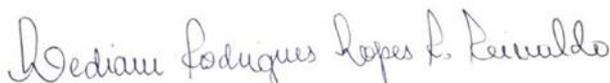
Banca Examinadora



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto UEPB/CH/DG
Orientador (Doutor em Sociologia pela UFPB/UFCG)



Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues UEPB/CH/DG
Examinador (Doutor em Geografia pela UFRN)



Prof.ª Dr.ª Ledian Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo UEPB/CH/DG
Examinador (Doutor em Recursos Naturais pela UFPB)

“Sou mulher e escrevo. Sou plebeia
e sei ler. Nasci serva e sou livre”
Rosa Montero

AGRADECIMENTOS

Nada nessa vida é por acaso, o encontro de pessoas ou qualquer ato banal que passamos sempre tem algum sentido, pois fazemos parte de um único plano, elaborado por um único criador, **DEUS**. Posso dizer e afirmar por tantas coisas que passei nessa vida, e ter a felicidade de estar viva, e poder usufruir de alguns benefícios que a mim foram concedidos, como, neste momento finalizar mais uma etapa de um projeto, em meio a tantas dificuldades, mas sempre na confiança e poder provar diferente, que sou capaz, e que nada nessa vida é impossível, apenas basta ter um objetivo.

Ao **meu orientador** o Dr. Belarmino Mariano Neto, por dedicar grande parte do seu tempo para me ajudar na elaboração deste trabalho, com sua grande contribuição. Agradeço também aos membros da banca pela disponibilidade.

Aos **meus pais**, pelo dom da vida. Em especial as minhas avós, pela inspiração de ser a mulher que sou hoje.

Aos **meus filhos** amados, Gustavo e Gabriel, que são minhas eternas fontes de inspiração

Aos **familiares** que por ações ou palavras sempre contribuíram para minhas conquistas.

Aos **amigos e amigas**, que me acompanharam, de perto e de longe, nestes tempos de sacrifícios e de superação, em especial aos **colegas** de curso que tive a honra de conviver e compartilhar conhecimento e companheirismo durante toda essa jornada

A **todos os professores** do Curso de Geografia da UEPB, que contribuíram ao longo de toda essa caminhada, com aulas proveitosas que ajudaram para a realização deste trabalho.

Dedico esse trabalho aos meus dois
filhos amados: Gustavo e Gabriel

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da delimitação do Semiárido.....	17
Figura 2 – Mandacaru (<i>Cereus jamacaru</i>)	20
Figura 3 - Bioma Caatinga.....	20
Figura 4 – Cisternas.....	21
Figura 5 – Famílias Isoladas - Serra da Meruoca, no município cearense de Sobral.	21
Figura 6 - Lajedo Pai Mateus.....	22
Figura 7 – Blocos rochosos do Lajedo de Pai Mateus,	22
Figura 8 – O Pôr do Sol no Lajedo de pai Mateus	23
Figura 9 - Hotel Fazenda Pai Mateus.....	23
Figura 10 – Inscrições marginais (painel vertical) – Pedra de Ingá.....	24
Figura 11 – Painel vertical - Pedra de Ingá	24
Figura 12 - Inscrições no Painel Vertical - Pedra de Ingá.....	24
Figura 13 – Conjunto de inscrições rupestres - Ingá/PB.....	24
Figura 14 – Trilha feitas pelos dinossauros - Vale dos dinossauros.....	26
Figura 15 - Reprodução de um dinossauro-Vale dos dinossauros.....	26
Figura 16 – Pegadas de dinossauros - Vale dos dinossauros.....	26
Figura 17 – Trilha de dinossauros - Vale dos dinossauros.....	26

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SIMBOLOS

APA - Área de Preservação Ambiental

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEC – Ministério da Educação

OMT - Organização Mundial de Turismo

PB – Paraíba

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRN – Universidade Federal de Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERÊNCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA.....	11
2.1 ESTUDOS DA PAISAGEM: PRESSUPOSTOS E FUNDAMENTOS	11
2.2 PAISAGEM NA DIMENSÃO DO TURISMO	12
2.3. METODOLOGIA.....	15
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
3.1 SEMIÁRIDO BRASILEIRO E SUAS POTENCIALIDADES	16
3.2 ASPECTOS NATURAIS.....	18
3.3 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS	19
3.4 POTENCIALIDADES PAISAGÍSTICAS DA PARAÍBA	21
3.4.1 O LAJEDO DE PAI MATEUS	21
3.4.2 PEDRA DO INGÁ.....	23
3.4.3 VALE DOS DINOSSAUROS	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	28

ESTUDO DA POTENCIALIDADE PAISAGÍSTICA DO SEMIÁRIDO PARAIBANO COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO

STUDY OF THE LANDSCAPE POTENTIAL OF THE SEMI-ARID REGION OF PARAIBA AS A POSSIBILITY OF DEVELOPMENT

Autor(a): Ana Paula de Oliveira Azevedo

RESUMO

O artigo aborda a importância da paisagem e sua relação com o desenvolvimento no semiárido, expressado pela grande variedade paisagística, com foco na análise vinculada ao poder de representação dessa paisagem e sua visibilidade relacionada ao desenvolvimento, incentivando a sustentabilidade e respeitando a manutenção dessa paisagem promovendo o crescimento do emprego e da renda. Os lugares escolhidos, foram, O Lajedo Pai Mateus/Cabaceiras, A Pedra de Ingá/Ingá e o Vale dos Dinossauros/Sousa para o estudo da pesquisa. Para tanto, pesquisa-se a paisagem semiárida como possibilidade de desenvolvimento, a fim de compreender como as potencialidades paisagística semiárida influência na possibilidade de desenvolvimento. Para tanto foi necessário entender a delimitação do semiárido brasileiro, destacar os aspectos naturais e socioeconômicos do semiárido e descrever as principais potencialidades paisagísticas do semiárido paraibano. Realizou-se, então uma pesquisa descritiva, bibliográfica e documental, considerado algumas potencialidades paisagísticas mais visíveis da Paraíba, como “O Lajedo Pai Mateus”, “Pedra de Ingá” e ‘Vale dos Dinossauros”. Diante desse contexto verificou-se que o semiárido paraibano possui diversas paisagens com atrativos turísticos e com cenários fantásticos. O que impõe sobre a importância de reforçar uma reflexão sobre o papel da paisagem sobre a sociedade. Em um entendimento das paisagens como um produto cultural, com os seus significados entendidos à luz das relações entre a sociedade e a natureza.

Palavras-chave: Paisagem do Semiárido; Desenvolvimento no semiárido paraibano; Semiárido paraibano.

ABSTRACT

The article discusses the importance of the landscape and its relationship with development in the semi-arid, expressed by the infinite landscape variety, as a focus on the analysis linked to the power of representation of this landscape and its visibility related to development, encouraging sustainability and respecting the maintenance of this promoting landscaping the growth of employment and income. For this purpose, the semi-arid landscape is researched as a possibility of development, in order to understand how the semi-arid influences landscape, the possibilities of development.

To do so, it was necessary to analyze the landscape in the semi-arid region in the literature, identify possibilities of use and occupation of the semi-arid territory and write the main landscape potentialities of the semi-arid region. A bibliographic and documentary research was then carried out. Given this context, it was verified that the semi-arid region of Paraiba has several landscapes with tourist attractions and fantastic scenery. This imposes on the importance of strengthening a reflection on the role of the landscape on society. In an understanding of landscapes as a cultural product, with their meanings understood in the light of the relations between society and nature.

Keywords: Semi-arid landscape; Development in the semi-arid region of Paraiba; Semi-arid paraibano.

1. INTRODUÇÃO

O tema desenvolvimento é uma das indagações das sociedades, diante de vários aspectos e pontos de vista o desenvolvimento é entendido e almejado como sinônimo de progresso, cujos propósitos são a expansão dos recursos materiais e a geração de conforto e comodidade.

Neste estudo da relação da paisagem e o desenvolvimento no Sertão semiárido paraibano e brasileiro, a paisagem foi frequentemente associada a um discurso carregado de negatividade que relaciona os seus baixos índices econômicos e sociais ao seu clima semiárido, resultando em um imaginário nacional de “fome e miséria” (CASTRO, 1992, 1996, 1997; RIBEIRO, 1999; SILVA, 2010).

As imagens ou ideias que se veiculam sobre esse fenômeno da semiaridez são majoritariamente relacionadas com o chão rachado, o sol escaldante, a casa de taipa, a família numerosa e retirantes etc. Essas representações ajudaram a consolidar imagens mentais, comumente relacionadas com o Sertão semiárido e transportadas para a região Nordeste como um todo. São as chamadas metonímias geográficas (MACIEL, 2002).

Sabe-se que este mesmo Sertão, assim como a região Nordeste, vem apresentando nos últimos anos uma nova configuração, permitindo o desenvolvimento da região e mudanças no seu panorama socioeconômico. Um novo Nordeste, que segundo os pesquisadores Bacelar e Santos (2009), é caracterizado pela saída do atraso em que se encontrava, modernizando-se e apresentando uma economia mais diversificada e dinâmica, associada ao movimento de integração que fora se consolidando no Brasil durante o século XX.

No que se refere ao imaginário da natureza, o semiárido nordestino vem passando desde as últimas décadas uma verdadeira ressignificação. Ferri (1974) apresenta a paisagem da Caatinga como sendo uma das mais fascinantes por apresentar características distintas. Considera que é uma vegetação típica das áreas secas, representando uma área significativa do Nordeste brasileiro, com características relacionadas às condições climáticas, às cores, à folhagem e à forma. Indica que apresenta diferentes formas que estão intrinsecamente ligadas à geomorfologia, procurando descrever e significar esta paisagem adicionando poesias, substantivos e adjetivos.

Rodrigues (1997) procura esclarecer que as paisagens hoje são trabalhadas como viés do desenvolvimento sustentável a partir da atividade turística, principalmente as que apresentam riqueza natural predominante. Considerando aí uma grande contradição nesse viés, devido às características da atividade turística que é uma atividade econômica predominantemente de consumo, inclusive das paisagens naturais exóticas.

Com relação ao desenvolvimento sustentável, Rodriguez, 1997 *apud* Cavalcanti (1997), considera que “o desenvolvimento pode ser concebido basicamente como um processo de mudança estrutural, global e continua...” (RODRIGUEZ, 1997 *apud* CAVALCANTI, 1997, p. 51) e discute que em níveis conceituais existem modelos de desenvolvimento como desenvolvimento econômico, desenvolvimento econômico e social, desenvolvimento humano, o desenvolvimento sustentável e, que o desenvolvimento ambientalmente sustentável apresenta uma dimensão humana.

A pesquisa apresentada tem como objetivo compreender como as potencialidades paisagística semiárida paraibana influência nas possibilidades de desenvolvimento. A fim de cumprir o objetivo geral, foram estabelecidos os objetivos específicos; entender a delimitação do semiárido brasileiro, destacar os aspectos naturais e socioeconômicos do semiárido e descrever as principais potencialidades paisagísticas do semiárido paraibano

A relevância deste trabalho consiste na capacidade de proporcionar uma análise da representação da paisagem e sua visibilidade vinculada ao desenvolvimento incentivando a sustentabilidade e respeitando a manutenção da paisagem do semiárido promovendo o crescimento do emprego e da renda.

Para realização da pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico, considerado algumas potencialidades paisagísticas mais visíveis da Paraíba, como “O Lajedo Pai Mateus”, “Pedra de Ingá” e ‘Vale dos Dinossauros”. Nossa ideia era abranger a pesquisa para outros pontos de destaque da paisagem paraibana, mas diante da pandemia de covid-19, fomos obrigados a redimensionar a área de estudo.

Direcionando outro olhar para o semiárido, mostrando as possibilidades do turismo, de paisagens que inspiram literatura, músicas, poesias e até filmes baseado nas nossas tradições e na cultura mostrando um Brasil tão rico e com tantas potencialidades. Esse quadro mudaria aquela visão atrasada do semiárido apenas como um lugar de seca e de pobreza extrema.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

Para uma melhor compreensão da relação da paisagem e o desenvolvimento no Sertão semiárido paraibano e brasileiro, estudaremos os pressupostos e fundamentos da paisagem, a paisagem na dimensão do turismo e em seguida a metodologia, enquanto elementos integrados pois teoria e metodologia podem ser conjugadas para um melhor embasamento.

2.1 ESTUDOS DA PAISAGEM: PRESSUPOSTOS E FUNDAMENTOS

A paisagem é uma das mais relevantes categorias da ciência geográfica. Os debates referentes a ela inferem uma perspectiva composta dos elementos presentes no meio. Ab'Sáber (2003) refere-se à paisagem como sendo relativa à herança, fruto dos mais variados processos físicos, biológicos e ou culturais. Vitte (2007), embasado nas discussões das culturas sociais, afirma que;

[...] a paisagem emerge na análise geográfica carregada de simbolismo, sendo responsável pela constituição do imaginário social que atua na condução da ação dos atores sociais, ao mesmo tempo em que mediatiza a representação do território por estes mesmos atores (VITTE, 2007, p. 71).

Bertrand (1972) considera a paisagem como entidade global, na qual os elementos interagem numa dinâmica evolutiva, sendo estudados separadamente, procurando apresentar os mecanismos gerais dos sistemas, considerando assim que a paisagem é a evolução dos geossistemas, como um sistema natural homogêneo ligado a um território através da Morfologia de funcionamento e do comportamento.

Para Sauer (1925) as paisagens têm significados genéricos, devido à possibilidade de observação. Considera que toda paisagem tem uma individualidade típica da área que representa e que esta não é simplesmente uma cena real vista por um observador. Considera ainda que as paisagens são uma generalização derivada de observações de cenas individuais, que têm relação com outras paisagens e com as formas que as compõem.

Silva (1993) sugere, para interpretação da dinâmica da paisagem, os distintos componentes dos ecossistemas, possibilitando a interpretação dos diferentes

estágios de sucessão e a organização das unidades geoambientais que compõem a paisagem.

Monteiro (2000) apresenta que a investigação da paisagem, geossistemas ou análise geoecológica, está presente nos diversos estudos que buscam a melhoria da qualidade ambiental. Comenta que a unidade de paisagem deve ser entendida como entidade morfofuncional discreta devido às situações presentes, que sofrem a ação das forças antropogênicas.

Em seus estudos, Aziz Ab'Saber (2003), caracterizou o Sertão semiárido como o domínio das caatingas, ele o coloca como um dos três espaços semiáridos do continente sul-americano, tornando-se excepcional em um contexto de um continente de grandes extensões de terras úmidas.

2.2 PAISAGEM NA DIMENSÃO DO TURISMO

Nos estudos da paisagem inserem-se várias tendências. Nesta perspectiva, importante também é discutir a relação entre a paisagem e o turismo, considerando que esta é uma das atividades humanas que hoje mais se evidencia e, conseqüentemente altera o meio ambiente. Dessa forma procuramos relacionar alguns trabalhos que discorrem sobre a questão da conservação e do consumo das paisagens, na dimensão da atividade turística.

Trigo (1998) diz que existe uma relação direta entre turismo, paisagem e ambiente, ao analisar como vêm se configurando os interesses dos viajantes ao percorrer as diferentes paisagens e os diferentes ambientes culturais e naturais. Afirma que “os relatos sobre viagens sempre enaltecem as paisagens e as culturas diferentes” (TRIGO, 1998, p. 205).

Para Seabra (2001) “a apreensão da paisagem deve ser feita em sua totalidade, visto que os processos naturais e humanos são dois aspectos da realidade” (SEABRA, 2001, p. 66), sendo necessário que se estabeleça nos estudos e análises das paisagens a compreensão do espaço global, numa perspectiva do diagnóstico ambiental visando o planejamento turístico sustentável.

Mendonça (2001) reforça este aspecto quando diz que “a paisagem se deteriora com o exercício da atividade turística das mais diversas formas, evidentes

ou não” (MENDONÇA, 2001, p. 21). Explica que independente da inserção da infraestrutura do turismo, as paisagens se transformam com a presença desta atividade.

Pires (2001) afirma que a paisagem como recurso turístico “é o elemento substancial do fenômeno turístico e, portanto, um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística” (PIRES, 2001, p. 236). Considera que a paisagem assume diversos significados em três dimensões: na dimensão estética que está relacionada com a sensibilidade e a percepção; na dimensão cultural que está relacionada com o sentido humano, histórico-cultural modificador da paisagem e que transcende qualquer beleza estética ou equilíbrio ecológico e na dimensão ecológica onde entende a paisagem como resultado da inter-relação entre os componentes da mesma, os elementos físicos e biológicos.

Boullón (2002) ao propor o planejamento turístico para os espaços naturais apresenta um conceito de paisagem denominando atrativos naturais como sendo os espaços que se destacam pela sua beleza. No entanto procura fortalecer três tipos de paisagens distintas, as paisagens naturais, as culturais e as urbanas que agregam valores naturais e culturais, estabelecendo critérios de qualidade para as paisagens, como forma de valorização das mesmas como atrativos turísticos, propondo uma análise das paisagens naturais para o desenvolvimento do turismo, destacando nesta análise quatro variáveis para apreciação das qualidades estéticas da paisagem: a topografia, a vegetação, o clima e o habitat.

O mesmo autor ainda acrescenta que o valor da paisagem natural para o turismo está ligado à percepção e à interpretação das informações ou das experiências vivenciadas pelo turista. Outro aspecto valorizado pelo autor é quanto às propriedades das paisagens, que correspondem a:

Diversidade: que depende da quantidade de componentes visualmente diferenciáveis dos diversos pontos de vista dos quais se podem contemplar uma paisagem. A análise da diversidade é um dos indicadores básicos para definir os percursos e os mirantes de uma paisagem.

Repetição: que indica a presença reiterada de uma forma ou motivo natural em tal grau que cheguem a dominar a cena. A repetição pode dar origem a dois tipos de paisagem: a) em que a espécie repetida (árvores, flores, rochas, etc.) formam o tema da paisagem, e b) aquelas em que o elemento repetido (por exemplo, montanhas) é visto como fundo de algum outro elemento natural que se destaca circunstancialmente como a figura principal (por exemplo, um grupo de árvores ou um campo de trigo).

Unidade: que se refere ao equilíbrio visual dos componentes de uma cena. A unidade de uma paisagem é um dos valores da natureza que mais dificultam sua leitura às pessoas não treinadas na captação da diversidade.

Mudança: faz menção aos matizes que uma mesma paisagem adquire conforme as horas do dia e os dias do ano. (BOULLÓN, 2002, p. 129-130)

Reforça ainda que as paisagens são do tipo homogêneas, apresentando poucos elementos, ou heterogêneas, com uma grande quantidade de elementos despertando a atuação e o interesse. Esclarece que a descrição da paisagem pode decifrar sua estrutura, forma e as diferenças, sendo importante etapa para a valorização das paisagens para o turismo.

Boullón (2002), destaca a importância da sensibilidade como componente das imagens das paisagens naturais que possibilitam ao observador uma sequência visual, formada a partir das imagens observadas, provocando sensações que ultrapassem a consciência, registrando no pensamento, na memória, lembranças recentes sucessivas, fortalecendo a promoção das paisagens pelos turistas.

Cruz (2002) considera que o turismo é uma atividade que consome fundamentalmente os espaços através dos serviços. No entanto as paisagens apresentam-se para o turismo com um valor ímpar, tanto pela sua dimensão natural como cultural, sendo a paisagem a primeira instância de contato do turismo, ou seja, a relação com o lugar a ser visitado. Ressalta ainda que as paisagens turísticas são os meios ambientes que devem ser preservados, não só pelo seu valor estético, mas pelos padrões culturais que se manifestam. Expressa que as paisagens são a concretude dos espaços em transformação não só na fisionomia, mas no seu significado, quando comenta que:

As paisagens somam então ao menos três características intrínsecas, fundamentais a uma análise espacial: sua concretude (as paisagens são arranjos de formas naturais e antrópicas); sua fixidez espacial (as formas-conteúdo que dão concretude à paisagem são fixas no espaço) e sua imersão histórica (as paisagens mudam ao longo do tempo, em função de processos naturais, mas fundamentalmente em função de processos sociais). (CRUZ, 2002, p. 108)

O conhecimento acerca da paisagem integrada nos seus aspectos naturais e culturais constitui o princípio para a complexidade do estudo, portanto são essenciais as etapas que perseguem esta pesquisa objetivando apresentar os resultados esperados com a caracterização da área nos seus elementos componentes que subsidiarão a elaboração da proposta de participação das comunidades na proteção ambiental.

2.3. METODOLOGIA

Metodologia é a ordem a ser seguida para a estruturação do método analítico, para Demo (2000) “Metodologia é uma preocupação instrumental. Para a execução deste trabalho fundamentou-se em pesquisas bibliográficas sobre algumas potencialidades paisagísticas mais visíveis da Paraíba, como “O Lajedo Pai Mateus”, por ter sido utilizados em grandes produções cinematográficas, “Pedra de Ingá” e “Vale dos Dinossauros”.

Foi feita uma investigação de todo o material já existente sobre o assunto, segundo Gil (2002, p.44) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Já para Lakatos e Marconi (2010) “A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias (...). Trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”.

A segunda etapa metodológica foi utilizada a pesquisa documental. Segundo Lakatos e Marconi (2010) “A pesquisa documental (ou de fonte primária) são aquelas de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações. Englobam todos os materiais ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica”.

A terceira etapa foi a pesquisa descritiva, conforme Gil (2002, p. 42) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis”.

Diante da pandemia de Covid-19, tivemos que repensar ou simplificar a metodologia no sentido de utilizar basicamente das redes sociais para o levantamento de dados, imagens e registro documentais. No geral, a pesquisa fluiu de maneira satisfatória, mas a ideia era ampliarmos o estudo com pesquisa de campo para as diferentes áreas, apesar de já ter visitado os ambientes propostos.

Nos resultados apresentamos um conjunto de imagens dos principais pontos escolhidos para a análise geográfica da paisagem, no contexto regional e em específico, alguns dos principais pontos turísticos da Paraíba na região do semiárido nordestino.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, foram apresentados os resultados e as discussões obtidas, iniciando uma análise do semiárido brasileiro e suas potencialidades, mostrando seus aspectos naturais e socioeconômicos e ainda conhecer as principais potencialidades paisagísticas mais visíveis da Paraíba, considerados os cenários naturais do semiárido paraibano.

3.1 SEMIÁRIDO BRASILEIRO E SUAS POTENCIALIDADES

A região semiárida do Nordeste brasileiro possui uma área de 982.563,3 km² e comporta 1.133 municípios, com população de 23.846,982 habitantes segundo estimativas do IBGE (2014), corresponde a 18,2% do território nacional, com uma precipitação anual máxima de 800 mm, insolação média de 2.800 h/ano, temperaturas médias anuais de 23 °C a 27 °C, evaporação média de 2.000 mm/ano e umidade relativa do ar média em torno de 50%. As atividades agropastoris são as de maior desempenho na região, e em sua grande maioria são desenvolvidas sem nenhum planejamento gerando diversos impactos ambientais (SILVA *et al.*, 2010).

Silva *et al.* (2010) ainda afirmam que:

Estudos realizados em ambientes semiáridos demonstram uma estreita ligação da atuação do homem sobre o meio, com processos negativos sobre a flora e a fauna silvestres e, principalmente, sobre os solos, onde os processos erosivos se intensificam e passam a constituir indícios marcantes de desertificação, estando o clima fortemente associado a esse contexto.

A respeito das particularidades do semiárido Crispim *et al.* (2010), dizem que o ambiente semiárido se diferencia das outras regiões devido às suas peculiaridades ambientais. Suas características físicas-ambientais, resultantes das atividades morfodinâmicas atribuídas aos seus aspectos geoambientais, tem em suas condições climáticas um dos fatores preponderantes para destacar o semiárido como um dos ambientes mais frágeis do ponto de vista de seus recursos naturais. Soma - se a isto, as diversas atividades que são exercidas e que têm intensificado sobremaneira as potencialidades naturais da área (Figura 01):

Figura 01 – Mapa de delimitação do semiárido

Fonte: SUDENE



De acordo com a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, o semiárido brasileiro é composto pelos estados do Nordeste e norte de Minas Gerais, a região limítrofe do semiárido abrange cerca de 1.262 municípios

brasileiros. Na Paraíba, a região do semiárido abrange quase 80% do território e se confunde com o polígono das secas periódicas que assolam a região como um todo. Esse recorte territorial é cenário paisagístico em todos os estados do Nordeste e Norte de Minas Gerais, mas na Paraíba, a natureza foi generosa e deixou um legado paisagístico fora do comum.

3.2 ASPECTOS NATURAIS

A característica marcante da região semiárida é a ocorrência de uma variedade de paisagens e ambientes. A região semiárida contempla 17 grandes unidades de paisagens, por sua vez subdivididas em 105 unidades geoambientais, de um total de 172 no Nordeste como um todo (SILVA et al., 1993).

Em relação à geologia, Jacomine (1996) dividiu a região em três áreas conforme a natureza do material originário: áreas do cristalino, áreas do cristalino recobertas por materiais mais ou menos arenosos e áreas sedimentares.

O relevo da região é muito variável, o que contribui para o elevado número de grandes unidades de paisagem mencionado. A altitude média fica entre 400 m e 500 m, mas pode atingir 1.000 m. Ao redor de 37% da área é de encostas com 4% a 12% de inclinação e 20% de encostas têm inclinação maior que 12%, o que determina uma presença marcante de processos erosivos nas áreas antropizadas (SILVA, 2000).

O clima da região é bastante característico, segundo Mendes (1997) explica que o clima é uma das características mais importantes do Semiárido, principalmente devido à ocorrência das secas estacionais e periódicas. De acordo com estudo de Marengo (2006), o Semiárido brasileiro sempre foi acometido por grandes secas ou grandes enchentes.

Em relação aos recursos hídricos, o Projeto Áridas (1994), destaca que as principais características estão relacionadas à infrequência dos rios, a secas periódicas, a cheias frequentes e ao uso predominante da água para abastecimento humano e agropecuário.

Com relação à fauna, esta é diversificada e rica em endemismo, embora haja, de forma geral, informações insuficientes para a maioria dos grupos estudados e, por isso, os números encontrados ainda subestimam a real diversidade desse ecossistema. (SILVA et al., 2010).

Para Mariano Neto (2001) as características da caatinga hiperxerófila são determinadas pelos fatores vitais como baixo índice pluviométrico, temperaturas elevadas durante a estação seca, o que provoca aridez e incapacitação do solo predominantemente raso e pedregoso ou com afloramentos cristalinos, o que inviabiliza a absorção da água. O semiárido brasileiro possui atributos bem peculiares, pois a maior parte do território é tomado por uma vegetação habituada com as condições de aridez de formas variadas.

3.3 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

A manutenção da população rural nesses rincões mais periféricos da economia do país depende de ações que venham acompanhadas de um conjunto de inovações técnicas, econômicas e sociais adaptadas às condições locais e que sejam capazes de valorizar os recursos produtivos em suas diversas combinações. (SILVA et al., 2010).

Silva *et al.* (2010) ainda afirmam que:

Nesse sentido, o desafio que se coloca para o desenvolvimento da região semiárida é a identificação de oportunidades econômicas que possam se traduzir na geração de emprego e renda para os agentes produtivos locais. Apesar das dificuldades que passa a economia do Semiárido, uma série de novas atividades começa a engendrar a estruturação de novos espaços econômicos. Há uma grande diversidade de situações que pode ser percebida mediante a constatação da coexistência de áreas com lavouras tradicionais ou estagnadas com áreas de modernização intensa envolvendo práticas agrícolas baseadas em modernas tecnologias nas atividades agropecuárias exploradas em regime de sequeiro ou de irrigação. (SILVA et al. 2010)

Ainda de acordo com Silva et al (2010), a região semiárida, nas últimas décadas, tem sido palco do desenvolvimento de vários polos agroindustriais que se estruturaram, inicialmente, a partir das potencialidades produtivas proporcionadas pelo desenvolvimento da agricultura irrigada em bases técnicas, especialmente as hortaliças e fruteiras, cujos mercados encontram-se em franca expansão no Brasil e no mundo.

Vale ressaltar o crescimento do número de experiências organizacionais e produtivas bem-sucedidas, seja em condições de sequeiro, seja em regime de pequenas irrigações, desenvolvidas em torno da agricultura familiar, que vêm

superando a vulnerabilidade do agro ecossistemas diante das secas e constituindo alternativas econômicas sustentáveis. (SILVA et al., 2010).

Diante da perda progressiva da capacidade das atividades agrícolas tradicionais de gerar renda para os grupos sociais que delas dependem, despontam atividades, agrícolas ou não, que revelam novas oportunidades econômicas no meio rural. São atividades de base local, que passam a constituir um elemento importante na busca de alternativas para a crise da economia da região. (SILVA et al., 2010).

Apesar da importância das atividades agropecuárias na composição da estrutura de renda da população rural, deve-se ressaltar a importância de outras atividades econômicas oferecidas pela valorização da natureza e dos recursos locais, como a produção de bens primários de qualidade, artesanato tradicional, atividades culturais e de lazer, entre outras, que resultam da promoção da imagem de um determinado território. Por exemplo, o turismo se instalando na costa brasileira, passou a demandar uma nova lista de produtos como comidas típicas; os artesanatos de palha, barro e outros; os produtos de algodão (bordados); os queijos de coalho; as carnes de sol e de caprinos e tantos outros (SILVA et al., 2010) (Figuras 02, 03, 04 e 05):

Figura 02 – Mandacaru (Cereus jamacaru)
Fonte: Significados. Nov/2019.

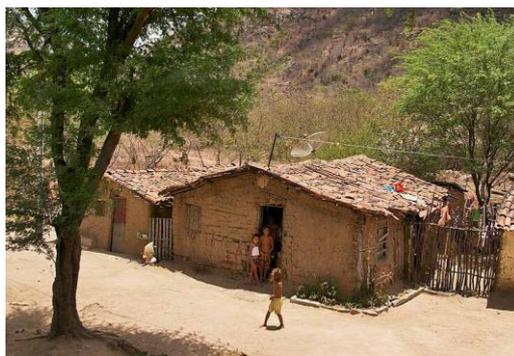


Figura 04 Cisternas
Fonte: Site da Casa Civil. Ag/2020.

Figura 03 – Bioma - Caatinga.
Fonte: Significados. Nov/2019.



Figura 05 – Famílias Isoladas - Serra da Meruoca, no município cearense de Sobral
Fonte: Agência Senado. Set/2014



As imagens nos apresentam o sertão semiárido e suas principais características, como na figura 02, o mandacaru, espécie da vegetação da caatinga que se adaptada a climas desérticos e semiáridos. A figura 03 representa o bioma caatinga, que possui aspectos peculiares, sua flora e fauna precisaram desenvolver formas de adaptação à escassez de água e à baixa umidade do ar. Como o clima é semiárido, com variação de períodos de chuva e períodos de estiagem. A figura 04 são cisternas, programa do governo federal para ajudar os moradores a armazenarem água nos longos períodos de seca. A figura 05, são famílias isoladas no sertão do semiárido

3.4 POTENCIALIDADES PAISAGÍSTICAS DA PARAÍBA

Nesta parte do trabalho apresentamos as principais potencialidades paisagísticas mais visíveis da Paraíba, que são, “O Lajedo Pai Mateus”, “Pedra de Ingá” e ‘Vale dos Dinossauros”. Queremos dizer que existem dezenas de outras possibilidades, mas diante da pandemia do covid-19, fomos obrigados a fazer esse recorte de pesquisa.

3.4.1 O LAJEDO DE PAI MATEUS

O Lajedo de Pai Mateus está localizado no município de Cabaceiras, inserida na Microrregião geográfica do Cariri Oriental, inserida também na Mesorregião geográfica da Borborema, é representado por lajedo em granitos, revestido por

matacões de diversas formas e pontos de arredondamento, que, misturando-se à paisagem árida, formando um cenário de beleza e admiração.

A localidade ganhou esse nome de Pai Mateus, por causa de um eremita que viveu no local. Alguns populares afirmam que Pai Mateus tratava-se de um curandeiro descendente de índios, outros falam que era descendente de escravos, mas nada pode ser comprovado devido à inexistência de dados como, por exemplo, registro de nascimento. (FIALHO et al., 2010).

O Lajedo está situado numa propriedade particular, onde possibilitou a constituição de um Hotel, chamado Hotel Fazenda Pai Mateus, permitindo que o local seja um dos principais roteiros ecoturísticos do cariri paraibano. Costa (2018), ainda esclarece que o Lajedo é uma Área de Preservação Ambiental (APA do Cariri), uma das mais secas regiões do Brasil inserida na região do semiárido do Cariri Paraibano, na cidade de Cabaceiras PB, sendo um conjunto geológico formado por vários sítios arqueológicos.

O lugar dispõe de uma exótica beleza natural, que serviu de cenário para produções cinematográficas, a exemplo do Filme Canta Maria, Aspirinas e Urubus, assim como da novela “Aquele Beijo” exibida pela Rede Globo de televisão. O lajedo tornou-se um símbolo da representatividade turística na Paraíba, já que o local possui atributos físicos, naturais e históricos que propicia ao turista um roteiro diferenciado. (COSTA, 2018). Desfrutando de belíssimas paisagens, além da beleza natural da região ser reconhecida nacional e internacionalmente (Figuras 06, 07, 08 e 09):

Figura 06 – Lajedo de pai Mateus, Cabaceiras/PB.

Fonte: Viajante fora da curva. Set/2018.



Figura 07 – Blocos rochosos do Lajedo de Pai Mateus, Cabaceiras/PB.

Fonte: Viajante fora da curva. Set/2018



Figura 08 O Pôr do Sol no Lajedo de pai Mateus, Cabaceira/PB.

Fonte: Viajante fora da curva. Set/2018.

Figura 09 - Hotel Fazenda Pai Mateus, Cabaceiras/PB.

Fonte: Viajante fora da curva. Set./2018.



As figuras 6 e 7 são imagens referentes a Pedra do Capacete, formação rochosa mais conhecida e visitada. A figura 8 destaca-se o belíssimo pôr do sol e a figura 09 o Hotel Fazenda Pai Mateus localizado na Zona Rural do município de Cabaceiras/PB. Essa região se tornou uma das mais importantes áreas para o cinema brasileiro com dezenas de filmes rodados na região que possui características ideias de iluminação natural.

3.4.2 PEDRA DO INGÁ

A pedra, situada na cidade de Ingá localizada no estado da Paraíba, região Nordeste do país, é conhecida mundialmente pelas inscrições rupestres chamadas de Itacoatiaras ou mais popularmente Pedra do Ingá.

O monumento rupestre, cuja inscrições datam aproximadamente 6000 AP₄ (antes do presente) está inserido numa área de 41,25 hectares (PROUS,1992; MARTIN, 2005; SANTOS, 2014; BRITO, 2017). A Pedra do Ingá, como é mais conhecida, também é considerada uma das sete maravilhas do Estado da Paraíba, atraindo turistas, estudantes, estudiosos da área e visitantes em geral, para apreciá-la e preservá-la cada dia mais. (FERREIRA, 2017).

Com a criação do Parque estadual arqueológico Itacoatiaras do Ingá propriedades do entorno foram desapropriadas aumentando a área do sítio arqueológico, no entanto o conjunto rochoso que compreende o monumento possui 576 m², sendo uma propriedade pública protegida pela união, estado e município (IPHAN, 2013).

Para Beni (2007), o turismo pode ser um instrumento que serve de veículo à reabilitação e difusão de culturas. A atividade turística apropria-se da natureza para ser realizada, seja utilizando-a como matéria do seu atrativo, ou seja, o uso da paisagem como mercadoria, fato que ocorre no Sítio Arqueológico de Ingá, para construir em seu lugar projetos turísticos, a chamada infraestrutura turística (STANSKY & LIMA, 2012).

Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT, 2005), “o turismo tem tido crescente importância socioeconômica em todo o mundo, especialmente em países em desenvolvimento”. Este fato também acontece no município de Ingá com a atividade turística realizada nas Itacoatiaras, pois os turistas aproveitam a visita e consomem produtos artesanais, tais como: bolsas, almofadas e bonecas de pano, entre outros, confeccionados pelos artesãos locais (RIBEIRO, 2018) (Figuras 10, 11, 12 e 13):

Figura 10 – Inscrições marginais (painel vertical) - Pedra de Ingá – Ingá/PB.
Fonte: Tok de História. Fev./2014.

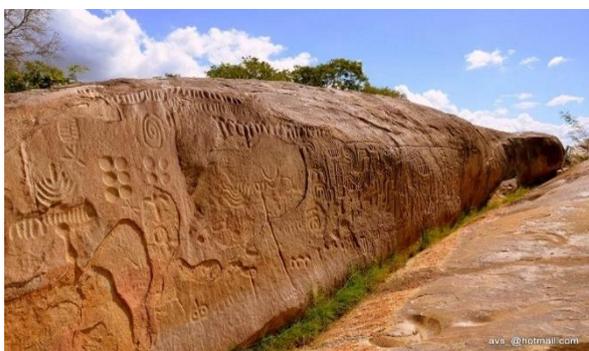


Figura 11 – Painel vertical - Pedra de Ingá – Ingá/PB.
Fonte: Tok de História. Fev./2014.

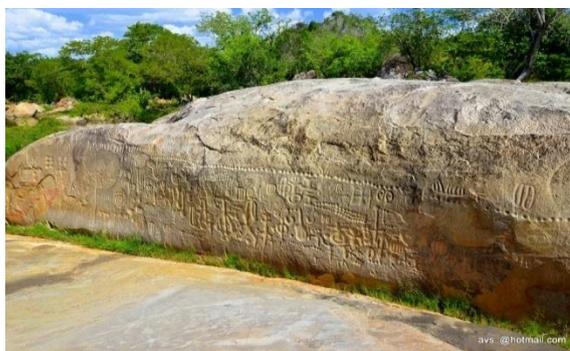


Figura 12 – Inscrições no Painel Vertical - Pedra de Ingá – Ingá/PB
Fonte: Tok de História. Fev./2014.



Figura 13 – Conjunto de inscrições rupestres - Ingá/PB.
Fonte: Tok de História. Fev./2014.



As imagens nos apresentam os monumentos arqueológicos, onde mostra as indicações rupestres gravadas nas rochas, localizado no município brasileiro de Ingá no estado da Paraíba, esses paredões são denominados de "Itacoatiara". O paredão mais conhecido e estudado são os verticais, porém também tem inscrições em paredões horizontais e superior que se encontra acima do paredão vertical. O mais marcante é a existência de uma grande interrogação sobre que povo ou civilização deixou esse magnífico registro rupestre em território paraibano? Os diferentes estudiosos ainda não conseguiram uma resposta para essa interrogação.

3.4.3 VALE DOS DINOSSAUROS

O monumento natural do Vale dos Dinossauros, localizado no sertão paraibano, no Município de Sousa, o vale é de suma importância para a cidade Sousa/PB, pois propaga a cidade e o Estado da Paraíba mundialmente, por ser um lugar com grande ocorrência de pegadas de dinossauros. O Vale dos Dinossauros também contribui para a economia e o turismo local, o comércio local fazem referências aos dinossauros para estimular os negócios e o turismo.

O Vale dos Dinossauros abrange cerca de 700 km², onde estão catalogadas pegadas de 5 a 40 cm de diâmetro, de aproximadamente 50 animais pré-históricos, que viveram no período Cretáceo, há 120 milhões de anos, fossilizadas em argilito e arenito (LEONARDI; CARVALHO, 2002).

Na Bacia de Sousa, onde está localizado o Vale dos Dinossauros, foram encontrados e mapeados 22 sítios icnofossilíferos, e reconhecidas 220 grandes terópodes, 29 pequenos terópodes, 11 saurópodes, um pequeno ornitíscquio quadrúpede, um conjunto de pegadas de anfíbios e um grande número de pegadas não identificadas de pequenos quelônios e de dinossauros, superando a marca de 300 indivíduos dinossaurianos que passaram pelo local (LEONARDI; CARVALHO, 2002) (Figuras 14, 15, 16 e 17):

Figura 14 – Trilha feitas pelos dinossauros - Vale dos dinossauros - Sousa/PB.

Fonte: Tok de História. Out./2013.



Figura 15 – Reprodução de um dinossauro-Vale dos dinossauros - Sousa/PB.

Fonte: Tok de História. Out./2013.



Figura 16 Pegadas de dinossauros - Vale dos dinossauros - Sousa/PB.

Fonte: Ambiência. Fev/2012.



Figura 17 – Trilha de dinossauros - Vale dos dinossauros - Sousa/PB.

Fonte: Ambiência. Fev/2012.



As figuras 14, 16 e 17 são trilhas fossilizadas encontradas no monumento natural estadual Vale dos dinossauros, as imagens mostra riqueza de detalhes com as unhas, já na figura 15 é uma reprodução de um dinossauro.

O Monumento Natural do Vale dos Dinossauros é unidade de conservação estadual e foi criado pelo Decreto Estadual nº 23.832 de 27 de dezembro de 2002. (SUDEMA). Mangueira, (2019), explica que objetivo da criação da Unidade de Conservação do Vale dos Dinossauros era para auxiliar nos estudos sobre paleontologia e preservação.

É um local que contém pegadas fossilizadas e estão situadas ao leito do Rio do Peixe há mais de 130 milhões de anos, demonstrando um passado geológico e biológico do Brasil, sendo um dos mais antigos do mundo.

Dessa forma, as atividades não só influenciariam o conhecimento e consciência dos visitantes sobre a importância do Parque e da sua preservação, mas também criaria um forte estimulador da economia, expandindo as atrações e os motivos para a visita. (MANGUEIRA, 2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sugeriu uma análise sobre como algumas paisagens são mais visíveis no semiárido nordestino e como elas podem contribuir para o desenvolvimento, foi a questão central deste trabalho. Com esse objetivo foi feita uma abordagem sobre como essa paisagem influencia nas possibilidades de desenvolvimento sustentável, perpassando pelo estudo da paisagem, paisagem na dimensão do turismo, aspectos naturais e econômicos até a análise de algumas potencialidades paisagísticas como o “Lajedo de Pai Mateus”, “Pedra de Ingá” e “O Valo dos Dinossauros”. Sugeri também o entendimento de como essas imagens estão inseridos no imaginário das pessoas e como elas podem construir uma relação com o desenvolvimento.

Neste contexto, na análise deste trabalho, viu-se a importância de reforçar uma reflexão sobre o papel da paisagem sobre a sociedade. Em um entendimento das paisagens como um produto cultural, com os seus significados entendidos à luz das relações entre a sociedade e a natureza, faz-se mister considerá-las como uma expressão fenomênica de um modo particular no qual uma sociedade está organizada em um tempo e espaço específicos, ou seja, uma dada formação econômica e social.

Assim sendo, mediante a discussão da visibilidade da paisagem semiárida e o imaginário nacional, não é uma tarefa fácil desnudar esse imaginário que só remete a ideias preconcebidas de atraso, de seca e de fomes sobre este recorte tão brasileiro. Devemos apreciar o mesmo pela sua multiplicidade, tentar direcionar outro olhar, que pode ser o semiárido, do desenvolvimento, da indústria agrícola, do ecoturismo, de paisagens que inspiram literatura, músicas, poesias e até filmes baseado nas nossas tradições e na cultura mostrando um Brasil tão rico e com tantas potencialidades.

A partir da análise neste trabalho, avaliando o que foi exposto sobre as potencialidades paisagísticas da Paraíba, conclui-se que as localidades estudadas apresentam atrativos turístico, um potencial diferenciado diante dos aspectos naturais, históricos e culturais, percebe-se ainda que esse turismo pode ser uma ferramenta relevante para o desenvolvimento das comunidades dessas localidades, tanto na criação de empregos, como na implementações em infraestrutura para o melhoramento das condições de vida da população.

REFERÊNCIAS

AMBIÊNCIA. Parque Nacional do Vale dos Dinossauros poderá ser criado na Paraíba. Fev/2012. Disponível em: <https://ronilsonpaz.blogspot.com/2012/02/parque-nacional-do-vale-dos-dinossauros.html/> <acesso em 03/07/2021, as 16:25hs>

AB" SABER, A. N. **Os domínios de natureza do Brasil:** potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AGÊNCIA SENADO. Erradicação da pobreza pode virar princípio constitucional. Set/2014. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/09/19/erradicacao-da-pobreza-pode- virar-principio-constitucional/> <acesso em 04/07/2021, as 09:00hs>

ARAÚJO, T. B. de & SANTOS, V. M. dos. **Desigualdades regionais e Nordeste em Formação Econômica do Brasil.** In: ARAÚJO, Tarcisio Patrício de; VIANNA, Salvador Teixeira Werneck & MACAMBIRA, Júnior. 50 anos de Formação Econômica do Brasil, ensaios sobre a obra clássica de Celso Furtado. Rio de Janeiro: IPEA, 2009. 177-200 p.

BERTRAND, G. **Paisagem e Geografia Física Global: esboço metodológico.** In: Caderno de Ciências da Terra. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo. Nº 13. 1972. São Paulo. p. 2 – 27.

BENI, M.C. **Análise estrutural do turismo.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

BRITO, V. de. **A Pedra do Ingá.** 8.ed. Campina Grande, 2017.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico.** Trad. de Josely Vianna Baptista. Bauru: EDUSC, 2002. 278 p.

CASA CIVIL. Programa Cisternas do Governo Federal garante a segurança alimentar ao semiárido nordestino. Ago/2020. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/agosto/programa-cisternas-do-governo-federal-garante-a-seguranca-alimentar-ao-semiarido-nordestino/> <acesso em 04/07/2021, as 10:00hs>

CASTRO, I. E. de. **O mito da necessidade.** São Paulo: Bertrand Brasil, 1992. 247 p.

_____. **Imaginário político e território: Natureza, regionalismo e representação.** In: Explorações geográficas: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **Secas versus seca. Novos interesses, novos territórios, novos discursos no Nordeste.** In: Brasil: Questões atuais da reorganização do território. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1996.

CRISPIM, A. B. MELO, C. C. F.; ALMEIDA, I. C. S.; OLIVEIRA, L. S.; **Bases Introdutórias sobre Degradação Ambiental no Semiárido Brasileiro.** In: 3º Seminário Regional Norte e Nordeste de Pós-Graduação em Geografia. 2013. João

Pessoa/PB. Anais... João Pessoa/PB: UFPB, 2013. Disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/sernne/artigo16.pdf> <Acesso em 23 Dez 2018>.

COSTA, J.V. **O Lajedo de Pai Mateus como Atrativo Ecoturístico em Cabaceiras - PB**: Monografia (graduação) Universidade Federal do Rio Grande do norte - UFRN, Rio Grande do Norte, 2018.

CRUZ, R. C. A. **As paisagens artificiais criadas pelo turismo**. In: YÁZIGI, Eduardo (org.) Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002. p. 107-119.

DEMO, P. **Universidade e Reconstrução do Conhecimento Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2000.

FERREIRA, Alexandre. **Ingá: Retalhos da História... Resquícios de memórias**. Campina Grande, 2ª ed., Editora Cópias e Papeis, 2017.

FERRI, M. G. **Ecologia: temas e problemas brasileiros**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. 206 p. ilustr.

FIALHO, D. A.; ARAÚJO, S. M. S.; BAGNOLI, E. **Diagnóstico geoambiental e geoturístico na Área de Proteção Ambiental do Cariri Paraibano**. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, Porto Alegre, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Bens Culturais Tombados**. Paraíba, João Pessoa: IPHAN/PB, 2013

JACOMINE, P. K. T. **Solos sob caatinga: características e uso agrícola**. In: ALVAREZ, V. H.; FONTES, L. E. F.; FONTES, M. P. F. **O solo nos grandes domínios morfoclimáticos do Brasil e o desenvolvimento sustentado**. Viçosa, MG: SBCS: UFV, 1996. p. 95-133.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. - São Paulo: Atlas 2010.

LEONARDI, G.; CARVALHO, I.S. 2002. **Iconofósseis da Bacia do Rio do Peixe, PB - O mais marcante registro de pegadas de dinossauros do Brasil**. In: Schobbenhaus, C.; Campos, D.A. ; Queiroz, E.T.; Winge, M.; Berbert-Born, M.L.C. (Edits.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. 1. ed. Brasília: DNPM/CPRM - Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP), 2002. v. 01: 101-111.

MACIEL, C. A. A. **Morfologia da paisagem e imaginário geográfico: Uma encruzilhada onto-gnoseológica**. In: Geographia, Revista da pós-graduação em geografia da UFF. Ano 3, n. 6. Niterói, RJ, 2002

MANGUEIRA, T.R.E. **Aspectos Jurídicos da Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural: Uma Análise Sobre O Vale Dos Dinossauros em Sousa-Paraíba.**: Monografia (graduação) Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Paraíba, 2019.

MARIANO NETO, B. **Ecologia e imaginário**: memória cultural, natureza e submundialização. João Pessoa: CT/Editora Universitária/UFPB, 2001.

MARENCO, J. A. **Mudanças climáticas globais e seus efeitos sobre a biodiversidade**: caracterização do clima atual e definição das alterações climáticas para o território brasileiro ao longo do século XXI. Brasília, DF: MMA, 2006. 202 p. il. (Biodiversidade, 26).

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 4. ed. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

MENDONÇA, Rita. **Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição?** In: LEMOS Amalia Inês Geraiges de. (org.) Turismo. Impactos Socioambientais. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 19 – 25.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Geossistemas: a história de uma procura**. São Paulo: Contexto, 2000. 127 p. ilustr.

OMT – Organização Mundial de Turismo. **Declaración**: El turismo al servicio de los objetivos de desarrollo del Milenio. Nova York: OMT, 2005.

PIRES, P. S. **Interfaces ambientais do turismo**. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godói (org.) Turismo. Como aprender, como ensinar. V. 1. 2 ed. São Paulo: SENAC, 2001. p. 229 – 255.

PROJETO ÁRIDAS. **Uma estratégia de desenvolvimento sustentável para o Nordeste**: GT II - Recursos hídricos: relatório consolidado. Brasília, DF: SEPLAN, 1994. 177 p.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora Univ. de Brasília, 1992.

RIBEIRO, J. B.N. **A geoconservação e os aspectos do geoturismo do sítio arqueológico do Ingá/PB: um estudo das pedras Itacoatiara**: Monografia (graduação) Universidade Estadual da Paraíba UEPB, Paraíba, 2018.

RIBEIRO, R. W. **Seca e determinismo: a Gênese do discurso do semiárido nordestino**. In: **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**. Volume 22. 1999. 60-91 p. Disponível em: http://www.anuario.igeo.ufjr.br/anuario_1999/vol22_60_91.pdf <Acessado em 02 janeiro. 2019>.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Desenvolvimento Sustentável e Atividade Turística**. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 42 – 64.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo; SILVA, Edson Vicente. **A classificação das paisagens a partir de uma visão geossistêmica**. In: MERCATOR - Revista de Geografia da UFC. Ano 1 Nº 1. 2002. Fortaleza. p.95 - 112.

_____. **Desenvolvimento Sustentável: níveis conceituais e modelos**. In: CAVALCANTI, Agostinho Paulo Brito (org). Desenvolvimento sustentável e planejamento: bases teóricas e conceituais. Fortaleza: UFC, 1997. 86. p.

_____.; SILVA, Edson Vicente; CAVALCANTI, Agostinho Paulo Brito. **Geocologia da Paisagem: uma visão sistêmica da análise ambiental das paisagens**. Fortaleza: UFC, 2003. 252 p. (no prelo)

SANTOS, J. de S. **Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?** Campina Grande, Paraíba. Cópias & Papéis, 2014. 165 pgs.

SAUER, C. D. **A morfologia das paisagens**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SEABRA, Giovanni de Farias. **Ecoss do Turismo: O turismo ecológico em áreas protegidas**. Campinas: Papirus, 2001. 95 p. (Coleção Turismo) (a)

SIGNIFICADOS. Significado da Caatinga. Nov/2019. Disponível em:
<https://www.significados.com.br/caatinga/> <acesso em 04/07/2021, as 09:25hs>

SILVA, C. M. P. P. **Paisagens do semiárido nordestino**: uma análise do imaginário geográfico através de representações literárias e cinematográficas. Monografia (graduação) Universidade Federal de Pernambuco/ CFCH, Recife, 2010.

SILVA, C. M. P. P. **Paisagem Sertaneja: apreendendo imagens do semiárido nordestino à luz das suas representações** – Recife 2014. Disponível em:
<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10993/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20C%C3%A1ssia%20Maria%20Pernambuco%20Peixoto%20da%20Silva.pdf/>
Acesso em 03 jan. 2019

SILVA, F. B. R.; RICHE, G. R.; TONNEAU, J. P.; SOUZA NETO, N. C.; BRITO L. T. L.; CORREIA, R. C.; CAVALCANTE, A. C.; SILVA, A. B.; ARAÚJO FILHO, J. C.; LEITE, A. P. **Zoneamento Agro ecológico do Nordeste**: diagnóstico do quadro natural e agro socioeconômico. Petrolina: EMBRAPA-CPATSA, 1993. 325 p. il.

SILVA, G. K. M. S. **Turismo Desenvolvido no Sítio Arqueológico Itacoatiaras Do Ingá e o Ecoturismo como Alternativa de Conservação Ambiental e Cultural**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Paraíba/ UFPB, Paraíba, 2019.

SILVA, J. R. C. **Erosão e produtividade do solo no semiárido**. In: OLIVEIRA, T. S.; ASSIS, JÚNIOR, R. N.; ROMERO, R. E; SILVA, J. R. C. (Ed.). Agricultura, sustentabilidade e o semiárido. Fortaleza: UFC, 2000. p. 168-213.

SILVA, P. C. G. *et al.* **Caracterização do Semiárido brasileiro: fatores naturais e humanos.** In: SA, I. B.; SILVA, P. C. G. (Ed.). *Semiárido brasileiro: pesquisa, desenvolvimento e inovação.* Petrolina: Embrapa Semiárido, 2010. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/861906/> <Acesso em 02 jan. 2019>

SILVA, R. M. A. **Entre o Combate à Seca e a Convivência com o Semiárido: Transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento.** Brasília, 2006. 298 p. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília.

SILVA, V. N. da; CORNÉLIO, M. N; DAMÁZIO, D. H. L; BARBOSA, G. de S; BARBOSA, E. C. A; **Fragilidades e Impactos Ambientais do Semiárido Brasileiro: Proposta de Mitigação:** Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conidis/trabalhos/TRABALHO_EV074_MD4_SA1_ID1528_02102017224027.pdf/ <Acesso em 16 de dezembro. 2018>.

STANSKY, B. C.; LIMA, G. F. C. **Políticas Públicas de Turismo: Estado, mercado turístico e sociedade civil, a experiência de João Pessoa – PB.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

SUDENE. **Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.** Disponível em: - <http://antigo.sudene.gov.br/images/arquivos/semiario/arquivos/mapa-semiarido-1262municipios-Sudene.pdf/> <Acesso em 03/07/2021>.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. **Turismo, Paisagem e Ambiente.** In: CORIOLANO, Luzia Neide M. T.(org.). *Turismo com Ética.* Fortaleza: UECE, 1998. p. 205 – 215.

VIAJANTE FORA DA CURVA. Lajedo de Pai Mateus – Paraíso Rochoso da Paraíba. América/Brasil. Set/2018. Disponível em: <https://www.viajanteforadacurva.com/lajedo-de-pai-mateus/> <acesso em 03/07/2021, as 12:06 hs>.

VITTE, Antonio Carlos. **O desenvolvimento do conceito de Paisagem e a sua inserção na geografia física.** Mercator, Revista de Geografia da UFC, ano 06, número 11, 2007.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. **Readings in Cultural Geography.** Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

TOK DA HISTÓRIA. Pedra de Ingá – Intrigante e Maravilhosa. Fev/2014. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2014/02/08/pedra-do-inga-intrigante-e-maravilhosa/> <acesso em 03/07/2021, as 14:15hs>

TOK DA HISTÓRIA. As pegadas dos dinossauros em Sousa - PB – Um local fantástico. Out/2013. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2013/10/05/as-pegadas-dos-dinoussauros-em-sousa-pb/> <acesso em 03/07/2021, as 15:25hs>